



O lugar epistêmico da Psicanálise na Ciência da Informação: considerações frente às mudanças mentais e científicas no âmbito da plataformização

The epistemic place of Psychoanalysis in Information Science field: considerations regarding mental and scientific changes within the scope of platformization

Sérgio Rodrigues de Santana 

Doutor em Ciência da Informação
Universidade Federal da Paraíba, Brasil
sergiokafe@hotmail.com

Lília Mara Menezes 

Mestra em Letras
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil
liliamaram@hotmail.com

Anabelle Pena Lima Magalhães Cruz 

Doutora em Educação
Universidade do Estado do Amapá, Brasil
anabelle.cruz@gmail.com

Eliane Epifane Martins 

Mestra em Ciência da Informação
Instituto de Educação Estadual do Pará, Brasil
jadyeliane@gmail.com

Resumo

A plataformização se refere também às mudanças mentais e científicas mediadas pelas plataformas digitais. Neste contexto os discursos epistêmicos entre Psicanálise e a Ciência da Informação devem ser considerados para compreender os fenômenos excedentes dessa nova configuração. Qual é o lugar da Psicanálise na Ciência da Informação? A pesquisa teve como objetivo descrever as contribuições epistêmicas da Psicanálise para o campo da Ciência da Informação. Justifica-se pela pouca atenção à abordagem Psicanalítica nas discussões epistêmicas. É uma pesquisa de abordagem mista quanti-qualitativa e método análise de conteúdo. O lugar epistêmico da Psicanálise na Ciência da Informação ocorre através das discussões teóricas e metodológicas sobre os construtos subjetividade, epistemologia/metodologia, informação e memória. Ainda se infere que Sérgio Rodrigues de Santana, Edivanio Duarte de Souza, Maytê Luanna Dias de Melo e Eliane Epifane Martins são pesquisadores mais produtivos.

Palavras-chave: plataformização; Ciência da Informação; Psicanálise; Epistemologia

Abstract

Platformization also refers to the mental and scientific changes mediated by digital platforms. In this context, the epistemic discourses between Psychoanalysis and Information Science must be considered to understand the phenomena that arise from this new configuration. What is the place of Psychoanalysis in Information Science? The research aimed to describe the epistemic contributions of Psychoanalysis to the field of Information Science. It is justified by the little attention given to the Psychoanalytic approach in epistemic discussions. It is research with a mixed quantitative-qualitative approach and content analysis method. The epistemic place of Psychoanalysis in Information Science occurs through theoretical and methodological discussions on the construct's subjectivity, epistemology/methodology, information and memory. It is also inferred that Sérgio Rodrigues de Santana, Edivanio Duarte de Souza, Maytê Luanna Dias de Melo and Eliane Epifane Martins are the most productive researchers.

Keywords: platformization; Information Science; Psychoanalysis; Epistemology.



doi: [10.28998/cirev.2025v12e18655](https://doi.org/10.28998/cirev.2025v12e18655)

Este artigo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Submetido em: 27/11/2024

Aceito em: 31/01/2025

Publicado em: 02/02/2025

1 INTRODUÇÃO

As profundas transformações decorrentes do acesso e uso da 'informação e das tecnologias de informação e comunicação (TIC)' geraram novos fenômenos nas dimensões sociais, culturais, políticas, individuais e até mesmo científicas.

Esse cenário denominado plataforma se refere à influência das mudanças nessas dimensões mediadas pelas plataformas digitais presentes nos ecossistemas da Web e dos aplicativos. Deste modo, a plataforma da vida se torna a cada dia mais fundamental e para alguns sujeitos de forma compulsória, pois se configura o estágio mais avançado da cultura digital, logo se tornando uma extensão mental (Nieborg; Poell, 2018; Araujo, 2023).

Ao destacar a dimensão mental a partir da 'informação e das TIC' nos ambientes das plataformas digitais, assume-se um espaço onde os discursos científicos se cruzam e se entrelaçam, transcendendo as novas formas de conhecimentos, comportamentos e psicopatologias. Neste sentido, para Leitão e Nicolaci-Da-Costa (2003), é relevante suspender algumas referências teóricas clássicas para se visualizar os fenômenos novos e excedentes gerados pelo acesso e uso das plataformas digitais. No contexto da plataforma, a suspensão se torna ainda mais pertinente, pois o foco na concepção das TIC como uma estratégia para promover fluxos informacionais é substituído pela filosofia algorítmica das estruturas de dados e metadados *bits*.

As reflexões de Leitão e Nicolaci-Da-Costa (2003) sobre a prática científica frente às questões mentais ressaltam que muitos campos científicos ainda se fundamentam através de fenômenotécnicas¹ clássicas que não conseguem mais abranger o novo das constantes transformações. Essas fenômenotécnicas ainda produzem limitações e pode gerar obstáculos epistemológicos, uma situação que também se aplica à Psicanálise e à Ciência da informação frente aos seus objetos científicos, o inconsciente e a informação e suas relações mútuas e complexas que advém da plataforma.

Diante destas argumentações, qual é o lugar da Psicanálise na Ciência da Informação? O estudo teve como objetivo descrever as contribuições epistêmicas da Psicanálise para o campo da Ciência da Informação. A justificativa da pesquisa versa sobre a pouca atenção à Psicologia, especialmente, através da abordagem Psicanalítica como interface epistêmica da Ciência da Informação (Borko, 1968), pois há uma lacuna das discussões epistêmicas do campo que focam as contribuições da dessa área de conhecimento, em especialmente da Psicanálise. É uma pesquisa de abordagem mista quanti-qualitativa e adotou o método análise de conteúdo.

2 AS REALIDADES DA PLATAFORMIZAÇÃO

A teoria da Revolução das TIC é abordada em uma obra constituída em três volumes de Manuel Castells: 'A Sociedade em Rede', 'O Poder da Identidade' e 'Fim de Milênio'. Esses trabalhos estabelecem o campo teórico contemporâneo, situando as mudanças sociais e individuais impulsionadas pelo binômio 'informação e TIC' (Castells, 1999, 2000, 2002).

No início dos anos 2000, esse cenário foi problematizado sob as noções de Sociedade da Informação e de Sociedade do Conhecimento. Contudo, a nova configuração denominada plataforma enfatiza o binômio 'TIC e dados', e nesse novo contexto os fluxos de dados e

¹ São as condições de técnicas, tecnologias e de pensamento da realização científica e da construção dos objetos científicos (Bachelard, 1996; Sisson; Winograd, 2012).

a gerência de metadados *bits* ganham destaque e supera o valor da informação e do conhecimento em termos de suas potencialidades.

A plataformização como nova realidade social, cultural e tecnológica pode ser vista como uma extensão da mente humana, e seu processo evolutivo teve início com a Web 2.0, no final da década de 1990, quando se consolidou a participação ativa dos sujeitos (Santana; Santos; Melo; Girard, 2022). Esse fenômeno foi intensificado pela pandemia do Coronavírus, em seu momento mais crítico, entre os anos de 2020-2022, assim, transformando a participação voluntária e ativa em algo agora compulsório e cativo.

Para Paletta e Lago (2022), a força compulsória e cativa da plataformização no Brasil tem se desenvolvido de maneira acelerada, em parte devido à baixa escolarização. Esse cenário compromete a capacidade crítica diante da imersão digital, uma vez que o uso massivo da internet no país enfraquece o hábito de leitura e a capacidade de análise crítica dos conteúdos consumidos pelos sujeitos. Portanto, a imersão do sujeito, seja de forma de voluntária e ativa, e, sobretudo, de maneira compulsória e cativa são refletidos negativamente.

A plataformização como fenômeno se refere às reconfigurações das atividades sociais, econômicas e culturais, que se tornam cada vez mais fundamentais através da ação voluntária e ativa, como também compulsória e cativa. Essas ocorrem através de três lógicas: a infraestruturas de dados, os mercados e a governança, em que estas refletem em estruturas técnicas como a datificação, os algoritmos e a *affordances*² (Nieborg; Poell, 2020; Vieira Filho, 2022).

A dimensão das infraestruturas de dados se refere aos fluxos de dados e metadados *bits* e seus gerenciamentos que promovem os jogos de algoritmos. Neste âmbito, ocorre a coleta, a análise e a utilização de grandes volumes de dados que se transformarão em informações significativas. Nos fluxos destes dados, incluem dados demográficas e de perfis de usuários, tanto voluntários/ ativos quanto compulsórios/cativos. As coletas são obtidas através de pesquisas *online*, sobretudo, dos dados comportamentais por aplicativos, *plugins*, rastreadores e sensores ativos e passivos (Nieborg; Poell, 2018).

No que diz respeito à dimensão de mercados, essa se refere às transformações e à regulação trabalhista. As transformações ocorrem nas estruturas tradicionais de comércio, trocas e trabalho, como, por exemplo, a formação educacional pela modalidade EAD, que é uma das características dos mercados da plataformização, em que a gerência de dados e metadados ocorrem através dos fenômenos como *upload* e *download*. A dimensão de mercados diz acerca também dos novos modelos de negócios, de serviços, de produtos e de *performances*, logo, mudam-se suas respectivas naturezas em que os fenômenos *upload* e *download* fazem a mediação das compras e dos recebimentos. O quesito regulação trabalhista diz acerca dos desafios para a regulação dos mercados de trabalho, assim, exigindo políticas que garantam direitos trabalhistas e a proteção dos consumidores, especialmente do trabalho remoto em que as *performances* da gerência do *upload* e do *download* se constituiu a nova competência (Nieborg; Poell, 2018).

A dimensão da governança diz acerca dos processos, regras e práticas que regulam seus funcionamentos e suas interações com usuários, criadores de conteúdo e terceiros. Isso ocorre frente aos fluxos dos jogos de algoritmos diante da regulação e das políticas que definem os marcos legais e éticos; a participação dos usuários, que incentiva a inclusão de

² No contexto da tecnologia e da plataformização, as *affordances* podem incluir, por exemplo, botões que indicam que podem ser clicados, *links* que sinalizam que podem ser seguidos, ou recursos que permitem interações específicas.

feedback desses nas decisões da plataforma; promovendo uma direção democrática e a gerência de conteúdo, que são as políticas de moderação de conteúdo, de identificação de desinformação e de proteção contra discursos de discriminação e de preconceitos (Nieborg; Poell, 2018).

Contudo, refletir sobre as três dimensões da plataformização vai além dos vetores econômicos, governamentais e sociais que elas promovem, assim destacados por Nieborg e Poell (2018).

É imperativo a compreensão do que permanece dentro dos sujeitos como os excedentes em termos de subjetivação geradas a partir de uma ação voluntária e ativa e compulsória e cativa que impactam a vida mental dos sujeitos imersos nessa nova configuração. Principalmente, quando a vida mental deve despertar um interesse particular no sujeito, especialmente, se este estiver certo de que ela reflete um estágio primitivo bem conservado do próprio desenvolvimento, e, mais ainda, quando se reconhece que esse ‘homem primitivo’ persiste potencialmente em cada sujeito (Freud, 1976a; Freud, 1976b), em qualquer tempo e espaço, inclusive na atualidade e na plataformização.

Santana, Martins e Silva (2016) aborda três realidades distintas quanto à subjetivação da plataformização, isso frente à vida mental do que permanece dentro dos sujeitos tanto de forma adequada quanto psicopatológica. Eles destacam a realidade de mediação social e física, a realidade de mediação social, digital e virtual e a realidade psicótica digital.

Essas realidades estão relacionadas à vida mental dos sujeitos tanto em sua condição de voluntários e ativos quanto de compulsórios e cativos, especialmente, ao considerar o estágio primitivo frente aos impulsos e aos desejos instintivos quanto à imersão no contexto da plataformização que a configura uma realidade extraterritorial (Santana; Martins; Silva, 2016).

Para Chauí (2024), as transformações provocadas pela plataformização deram origem a nova subjetividade de base narcísica que se relaciona com as realidades delineadas por Santana, Martins e Silva (2016). Nesse contexto, a subjetividade espectral psicótica narcísica transita pela realidade psicótica digital, marcada por uma forte atração por plataformas digitais de jogos, em que o gozo está intimamente ligado ao poder. Por outro lado, a subjetividade espectral neurótica narcísica, que se insere na realidade de mediação social, digital e virtual, é caracterizada pelo conflito entre o desejo de estar conectado e a dificuldade de adaptação a essa nova realidade, resultando em ausência de gozo. Já a subjetividade espectral perversa narcísica se manifesta na realidade de mediação social e física onde o gozo é obtido a partir da disseminação de *fake news*.

3 DIFERENÇAS EPISTÊMICAS ENTRE A PSICOLOGIA E A PSICANÁLISE

A inclusão da Psicanálise como uma vertente da Psicologia nesta pesquisa e a sua utilização como interface epistemológica da Ciência da Informação (Borko, 1968) sugerem que tudo o que pertence à Psicanálise pode ser considerado Psicologia. Contudo, o inverso não se aplica, uma vez que esta ciência possui uma origem distinta e abrange, além de diversas abordagens teórico-clínicas.

A Psicologia surgiu nos ambientes acadêmicos, preservando as tradições das diversas escolas de pensamento e tem como objeto o estudo dos comportamentos humano e animal. No entanto, psicólogos e epistemólogos ainda não chegaram a um consenso sobre quem teria utilizado o termo pela primeira vez.

Por outro lado, mesmo antes da formalização do termo e da consolidação dessa ciência, é possível afirmar que a prática da Psicologia remonta aos primórdios da civilização humana, pois “No princípio era a filosofia. No princípio era a especulação. Mas, enquanto psicólogo, o filósofo especulava ‘voltado para dentro’ e em torno de si mesmo.” (Rosas, 2010, p. 45).

Com o tempo, a Psicologia buscou se estabelecer como uma ciência, adotando os métodos das ciências naturais, incluindo a criação de laboratórios de pesquisa. No entanto, foi em 1879 que Wilhelm Wundt desempenhou um papel crucial na oficialização desse campo científico. Ele introduziu um conjunto de tecnologias que possibilitou a construção de seu renomado laboratório em Leipzig, que o permitiu conduzir experimentos dentro da lógica positivista que predominava na época (Santana, 2012). Após a realização de Wundt, é evidente que outros eventos importantes impulsionaram o crescimento da jovem ciência psicológica ainda sob a influência da lógica positivista.

Em 1895, Sigmund Schlomo Freud (1856-1939) fundou a Psicanálise, no auge da Era Vitoriana, um período caracterizado por práticas conservadoras, especialmente pela repressão sexual e com ênfase na repressão da sexualidade feminina. Santana (2012) observa que, embora Freud compartilhasse da subjetividade conservadora predominante na época, ele se mostrava em seus círculos íntimos contrário a essas normas.

Inserido em um contexto dominado pela ideologia positivista de construção do conhecimento, o médico Freud surge no cenário psicológico, contribuindo de forma decisiva para o desenvolvimento da Psicanálise. Segundo Atkinson *et al.* (2002), a essa pode ser entendida tanto como uma teoria da personalidade quanto como um método psicoterapêutico.

Durante esse período, tanto como teoria quanto como método, a Psicanálise passou a ser considerada pelos positivistas ortodoxos como um conhecimento inválido, principalmente, devido às críticas que apontavam sua falta de sistematização, característica essencial dos métodos positivistas. Alguns chegaram a afirmar que a Psicanálise não passava de literatura por não ser produto das convenções acadêmicas nem uma ciência pura (Schultz, 2010; Santana, 2012; Félix; Moraes, 2019).

Apesar das críticas, Freud construiu seu discurso inspirado em dois teóricos fundamentais: Darwin, especialmente por meio da teoria da evolução exposta em ‘A Descendência do Homem’ (1871), e Philippe Pinel, cujo trabalho desconstruiu a visão dos transtornos mentais como fenômenos sobrenaturais ou como resultado de degeneração. Em parceria com Josef Breuer, médico e fisiologista austríaco, Freud publicou a obra ‘Estudos sobre a Histeria’ (William; Marilyn, 2006; Santana, 2012).

Epistemologicamente, a Psicanálise não se inscreve em continuidade com nenhum saber pré-existente. No entanto, arqueologicamente ela está profundamente conectada a um conjunto de conhecimentos sobre o ser humano, os quais se formaram a partir do século XIX. Pode-se entender que a Psicanálise é o resultado de uma série de articulações entre saberes e práticas que constituíram o solo histórico que possibilitou à sua emergência (Garcia-Roza, 2009; Félix; Moraes, 2019). Dessa forma, a Psicanálise não ocupa um lugar preexistente; seu surgimento representou uma ruptura com os saberes dominantes do século XIX, como a Psiquiatria, a Neurologia e a Psicologia, assim criando seu próprio campo de conhecimento (Félix; Moraes, 2019).

No Brasil, na década de 1930, a Psicanálise começa a ganhar espaço, tornando seu discurso acessível ao público em geral por meio de publicações de livros. Mais tarde, na década de 1970, ela passou a desafiar a hegemonia da Psicologia no país (Coimbra, 1995).

Retornando aos anos 30, em 1936, é criado o primeiro curso para a formação de psicanalistas no contexto brasileiro.

Em 1938, é fundada a Clínica de Orientação Infantil, no serviço de Higiene Mental da Secretaria de Estado de São Paulo, sob a responsabilidade do médico psiquiatra Durval Marcondes. Nesse período, a Psicanálise se consolidaria como um importante fator de modernização (Santana, 2012).

A Psicanálise claramente vai se articular as práticas higienistas e as eugênicas, saberes que incentivaram os médicos psiquiatras na colaboração do projeto de uma nação próspera, moderna e mais saudável (Seixas; Mota; Zilbreman, 2009). Em meio a estes acontecimentos, inclui-se Ulisses Pernambucano (1892-1943) médico psiquiatra também pioneiro pelas ideias Psicanalistas no contexto nacional (Santana, 2012).

A Psicanálise tem se consolidado ao longo dos anos como uma área do saber, e isso pode ser observado no surgimento de cursos de pós-graduação *stricto* e *lato sensu*. Na Ciência da Informação, essa consolidação ainda está em ascensão, especialmente com a entrada de psicólogos na área. Esta percepção é embasada por Souza (2001), ao analisar o ensino da Psicanálise na universidade, pois a Psicanálise ficou mais visível nos últimos anos, nas universidades brasileiras, embora já estivesse neste ambiente, era “ inserida de modo explícito ou disfarçada nos currículos dos cursos de Graduação em Psicologia” (Félix; Moraes, 2019).

A Psicanálise é representada no Brasil por sessenta e sete (67) instituições psicanalíticas, que oferecem cursos de formação em Psicanálise, encabeça cento e cinquenta e sete (157) dos cursos pós-graduação *lato sensu* em instituições públicas e privadas e é linha de pesquisa em oito (8) programas de pós- graduação *stricto sensu* (Félix; Moraes, 2019).

4 METODOLOGIA

Neste estudo, adotou-se a abordagem quanti-qualitativa, pois o *corpus* foi composto por dados numéricos e teóricos. Na dimensão quantitativa, envolveu-se a análise da quantidade bibliográfica e das frequências das ‘unidades de significados’ presentes nos textos, frequências essas que formam as classes. Na dimensão qualitativa, a parte teórica focou a explicação das frequências que originaram essas classes, além de outros elementos subjetivos novos que emergiram. A escolha da abordagem se refere à evolução de duas áreas do conhecimento, pois, ao adotar uma investigação poliepistemológica, a pesquisa quanti-qualitativa se torna mais eficiente e eficaz (Creswell; Clark, 2013; Sampieri; Collado; Lucio, 2013; Frainer, 2020).

O *corpus* desta pesquisa foi constituído por artigos (a), comunicações³ (c), dissertações (d) e editoriais (e) que abordam a Psicanálise no campo da Ciência da Informação. O recorte temporal foi estabelecido de 2001 a 2024, considerando as transformações da plataforma.

A busca pelo conteúdo foi realizada na Base de Dados Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) que reúne a produção acadêmica da área. Nessa base, a pesquisa foi conduzida utilizando os buscadores ‘Psicanálise’, ‘Freud’ e ‘inconsciente’, aplicando aos filtros ‘todos’, ‘título’ e ‘palavras-chave’.

Optou-se pela análise de conteúdo como método de pesquisa que busca descrever o conteúdo manifesto da comunicação de forma objetiva, sistemática e quantitativa com redi-

³ Trabalhos apresentados em eventos científicos.

recionamento qualitativo (Bardin, 1979; Berelson, 1984; Campos, 2004), respectivamente pelo conteúdo manifesto e latente.

O conteúdo manifesto se refere apenas ao que é visível ou diretamente observável em um texto, discurso ou mensagem, assim como na fala de um sujeito. O conteúdo latente diz respeito ao significado subjacente, implícito ou não verbalizado em textos, discursos, mensagens ou falas. Trata-se de tudo aquilo que está oculto por trás das declarações ou ações, frequentemente revelando sentimentos, motivações ou intenções (Atkinson *et al.*, 2002; Berelson, 1984).

Adotou a perspectiva de Bardin (1977) que define a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas destinadas à análise das comunicações, empregando procedimentos sistemáticos e objetivos para descrever o conteúdo das mensagens, assim incluindo tanto a abordagem filosófica quanto a técnica e sistemática. A aplicação ocorre por três fases protocolares que se desdobram em etapas: 1) Pré-análise; 2) Exploração do Material e 3) Tratamento dos resultados: inferência e interpretação (Bardin 1977).

Na fase inicial chamada 'Pré-análise', o foco está na organização e familiarização com o material a ser analisado, ou seja, na construção do *corpus* da pesquisa, composto pelos documentos selecionados para os procedimentos analíticos. Nesse estágio, o pesquisador define os objetivos da análise, formula hipóteses e estabelece um quadro de referência. A pré-análise também inclui uma leitura exploratória do conteúdo, permitindo a identificação de temas e categorias que emergem do material (Bardin, 1977; Cardoso; Oliveira; Ghelli, 2021).

Na segunda fase denominada 'Análise do material', o *corpus* é examinado de forma mais aprofundada, especialmente, de forma quantitativa. O pesquisador categoriza e codifica os dados, identificando as 'unidades de significado' e estabelecendo as relações entre elas. Dessa forma, os resultados brutos são tratados de maneira a se tornarem significativos e válidos. Esta etapa é crucial, pois a sistematização das informações permite que os dados sejam organizados em categorias, facilitando a análise subsequente (Bardin, 1977; Mendes; Miskulin, 2017).

Na terceira e última fase protocolar denominada 'Tratamento dos resultados obtidos e interpretação', os resultados da análise são interpretados, em que a inclinação qualitativa predomina. Nessa etapa, o pesquisador confronta os dados com as hipóteses iniciais e a teoria subjacente, buscando compreender os significados e as implicações do material analisado.

Essa etapa pode envolver a formulação de inferências e a elaboração de sínteses interpretativas, que auxiliam na tradução dos achados em *insights* significativos (Bardin 1977; Mendes; Miskulin, 2017; Cardoso; Oliveira; Ghelli, 2021).

5 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Quanto ao quantitativo, a busca revelou o total de 79 trabalhos, porém, como se observa no Quadro 1, o total de 79 trabalhos foi reduzido para 40 trabalhos. Essa redução se deu em função da aplicação da pré-análise, o protocolar inicial do método, que se refere à leitura exploratória dos conteúdos, assim permitindo identificar os trabalhos duplicados e os trabalhos que não abordavam o tema.

Quadro 1 - *Corpus* final

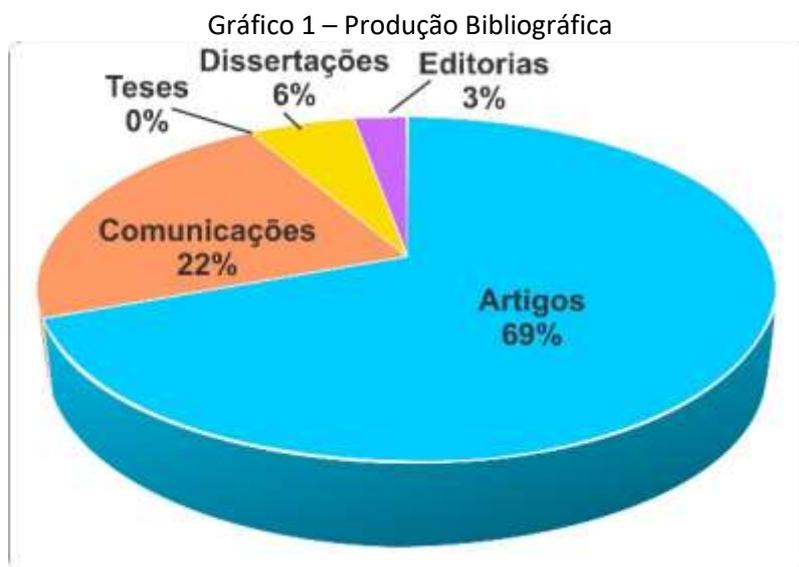
N/I	Trabalho	Tipo				
		a	c	t	d	e
1	DAROZ, E. P.; AZEVEDO, N. P. S. G. O corpo enquanto lugar de memória: intersecções entre análise do discurso e Psicanálise, 2024. https://brapci.inf.br/#/v/300952	X				
2	SOELLA, G. M.; FAGUNDES, P. E. Informação como evidência e saúde mental: hashtag cut4zayn e automutilação juvenil, 2019. https://brapci.inf.br/#/v/127512	X				
3	FELIX, E. C.; GONTIJO, M. A epistemologia da Psicanálise e os descritores em ciências da saúde, 2019. https://brapci.inf.br/#/v/123455		X			
4	FERREIRA, I. C. H.; BATISTA, C. A. M. O olhar da Psicanálise sobre a deficiência intelectual: de copista a autor de sua própria história, 2017. https://brapci.inf.br/#/v/80486	X				
5	SOUZA, A. L. G.; ZANOTTI, S. V. Psicanálise e televisão: dar imagem ao movimento, 2022. https://brapci.inf.br/#/v/210934	X				
6	SANTANA, S. R. <i>et al.</i> Responsabilidade social da informação e Psicanálise do conhecimento científico na pesquisa, 2022. https://brapci.inf.br/#/v/207169					X
7	MEDEIROS, M. Ver, espreitar, contemplar — para uma Psicanálise da este-reoscopia, 2016. https://brapci.inf.br/#/v/69431	X				
8	SANTANA, S. R.; SOUZA, E. D. A formação do espírito científico na Ciência da Informação: contribuições da Psicanálise do conhecimento e da res-ponsabilidade social, 2019. https://cip.brapci.inf.br//download/123732		X			
9	ROSENDO, T. M. A voz no entroncamento teórico da Psicanálise e da análi-se do discurso, 2020. https://brapci.inf.br/#/v/143883	X				
10	MOSTAFA, S. P. Leitura menor, 2018. https://brapci.inf.br/#/v/108243	X				
11	MELLO NETO, G. A. R. A (não) aprendizagem da socialidade, 1999. https://brapci.inf.br/#/v/141460	X				
12	ROSENDO, T. M. Voz, corpo simbólico, efeito do real da língua, 2021. https://brapci.inf.br/#/v/164794	X				
13	MARIANI, B. Discursos de colunas de consultório e subjetividade, 2004. https://brapci.inf.br/#/v/67283	X				
14	SIBILA, P. A vida como relato na era do fast-forward e do real time: algu-mas reflexões sobre o fenômeno dos blogs, 2005. https://brapci.inf.br/#/v/10180	X				
15	SANTANA, S. R., MELO, M. L. D.; SOUZA, E. D. A sombra kitsch na Ciência da Informação: concepções sobre a interdisciplinaridade identitária e epistêmica. 2021. https://brapci.inf.br/#/v/193351	X				
16	SANTANA, S. R.; CRUZ, A. P. L. M.; MENEZES, L. M.; MARTINS, E. E.; TAVA-RES, A. A.S. Aspectos psicanalíticos acerca da ‘era da pós-verdade’: um estudo exploratório das intenções de usos dos insumos para produzir e disseminar as fake news na realidade virtual, 2024. https://portal.febab.org.br/cbbd2024/article/view/3123		X			
17	SOLIO, M. B. Comunicação e poder nas organizações, 2008. https://brapci.inf.br/#/v/10637	X				
18	BARTIJOTTO, J.; TFOUNI, L. V. Uma criança morta: o insuportável estranho de nós mesmos, 2021. https://brapci.inf.br/#/v/161194	X				
19	SANTANA, S. R. <i>et al.</i> Folksonomia no contexto lgbtqia+: descortinando o preconceito e a discriminação da informação gênero-sexualidade nos ambientes digitais, 2022. https://brapci.inf.br/#/v/194118	X				

20	GOMES, H. F. Ética e informação na construção do conhecimento e a perspectiva bachelardiana dos obstáculos epistemológicos na formação do espírito científico, 2011. https://brapci.inf.br/#/v/259085		X			
21	MENEZES, A. A.; ARAUJO, A. B. Comunicação desfigurada pela violência e reconstrução da democracia: o caso do lar de amparo a criança para adoção (Laca- Maceió), 2023. https://brapci.inf.br/#/v/248373	X				
22	MACHADO, L. A desigualdade é vermelha? 2011. https://brapci.inf.br/#/v/65012	X				
23	PAULA, C. P. A.; ARAUJO, E. P. O. Gestão do conhecimento na iniciação científica: pedagogia da autonomia, imaginação criadora e formação do espírito científico, 2019. https://brapci.inf.br/#/v/124302		X			
24	NASCIMENTO, L. Quando a letra falta, o digital fal[h]a: a função do escrito, 2017. https://brapci.inf.br/#/v/118235	X				
25	CRUZ, R. C.; ARAUJO, C. A. A. Sujeito informacional, conceito em emergência: uma revisão teórico-conceitual de periódicos ibero-americanos, 2020. https://brapci.inf.br/#/v/147890	X				
26	FERREIRA, G. C. S. O transporte coletivo por ônibus de belo horizonte: informação e subjetividade no trabalho, 2001. https://brapci.inf.br/#/v/37339				X	
27	SANTANA, S. R.; MARTINS, E. E.; FELIPE, S. L. Mediação social e cultura da informação: acesso e uso das TIC e da informação nos processos de fragmentação da subjetividade, 2016. https://edific2016.eci.ufmg.br/anais/index.html#modal		X			
28	MANINI, M. P. A leitura de imagens fotográficas: preliminares da análise documental de fotografias, 2011. https://brapci.inf.br/v/175052		X			
29	PEPULIM, M. E. H.; FIALHO, F. A. P. Interatividade na tv digital aberta: como entender o que o usuário pensa, precisa e quer, 2011. https://cip.brapci.inf.br/download/7486	X				
30	FERRANDO, T. L. Arquivos, silenciamentos e construção de memórias: o caso de Alan Turing, 2016. https://brapci.inf.br/#/v/191497		X			
31	LENE, H. Entre comunicação e história: o indiciário como metodologia para pesquisas históricas sobre a imprensa, 2012. https://brapci.inf.br/#/v/88213	X				
32	KALIL, I. R.; AGUIAR, A. C. Aquilo que a amamentação retira e o desmame restaura: relatos maternos sobre tensionamentos e materiais de comunicação e informação em saúde , 2021. https://brapci.inf.br/#/v/246472	X				
33	CALEIRO, M. M. O lugar da Psicanálise nos escritos cinematográficos de kracauer: da “massa” ao espectador, 2010. https://brapci.inf.br/#/v/10949	X				
34	DARRIBA, V. A.; MARTINUZZO, J. A. Terrorismo, ciberterritórios, fake news e o fenômeno das massas instrumentárias, 2023. https://brapci.inf.br/#/v/224887	X				
35	CORDEIRO, P. A. C. Análise de discurso e Ciência da Informação: ENSAIO sobre uma possibilidade metodológica, 2004. https://rigeo.sgb.gov.br/bitstream/doc/208/1/diss_pedro_cordeiro.pdf				X	
36	TARGINO, M. G; SANTANA, S. R; GARCIA, J. C. R; SOUZA, E. D. Do Sujeito Empático ao Sujeito Informacional: Relações Epistemológicas Acerca da Responsabilidade Social na Ciência da Informação. 2019. http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1807/491491874	X				
37	BORBA, P. L. A semelhança das palavras causando a irrupção do real: a análise do discurso estudando a psicose, 2020. https://brapci.inf.br/#/v/147858	X				
38	BELEM JUNIOR, L. O inconsciente segundo Ingmar Bergman, 2002. https://brapci.inf.br/#/v/65651	X				

39	ROSENDO, T. M. A produção da resistência pela memória: o furo no imaginário, 2019. https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/23926	X				
40	ARAÚJO, E. A. Por uma ciência formativa e indiciária: proposta epistemológica para a Ciência da Informação, 2005. https://brapci.inf.br/#/v/171634		X			

Fonte: Dados da pesquisa (2024). Legenda: a, artigo; c, comunicação; t, tese; d, dissertação; e, editorial.

Assim, o *corpus* final de 40 trabalhos foi constituído por artigos, que corresponderam a 69%; comunicações, com 22%, editoriais, com 3%; e dissertações, com 6%; sem nenhuma tese.

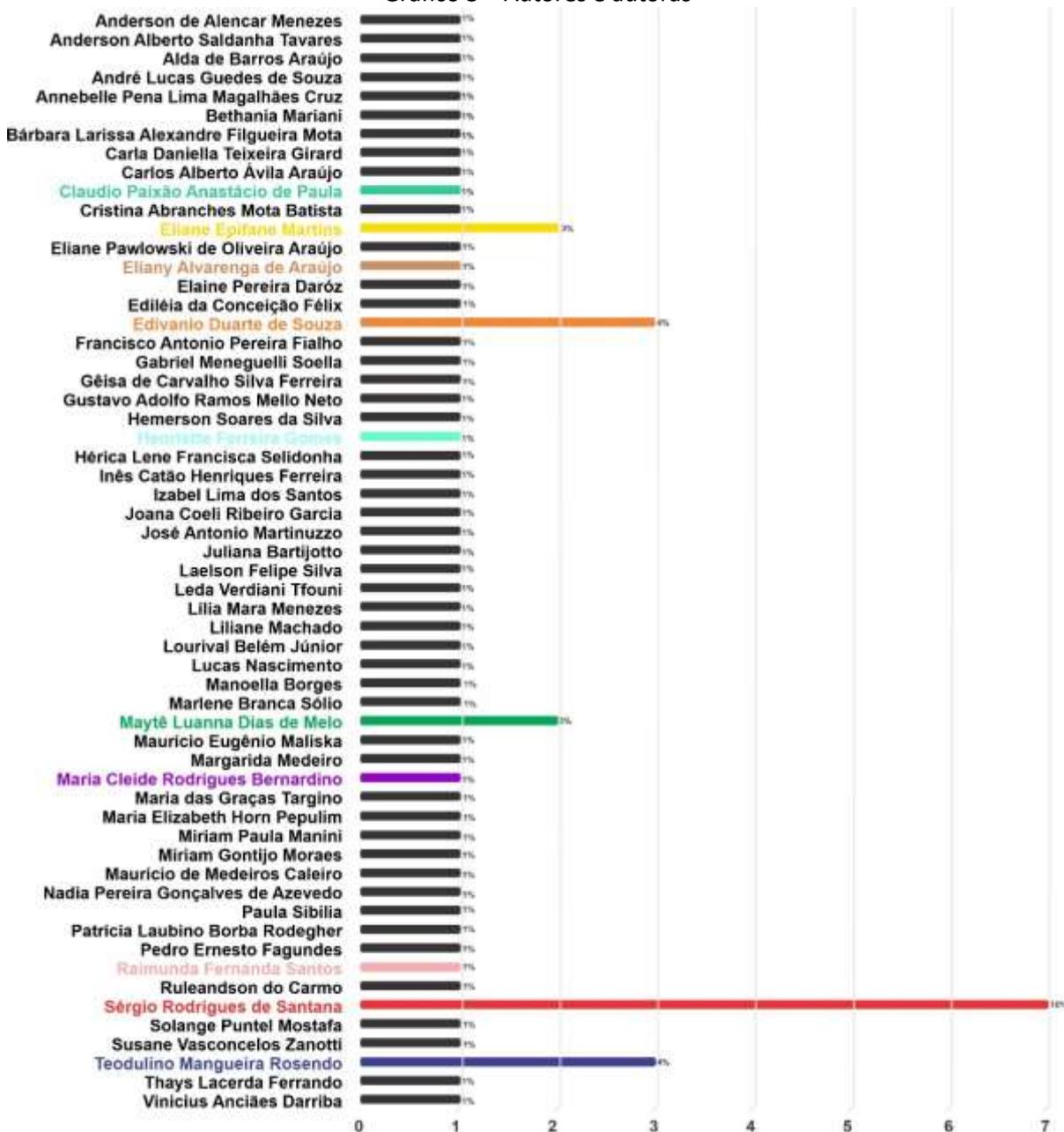


Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Como demonstra o Gráfico 2, as universidades que mais produziram trabalhos foram a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com 17% dos trabalhos, assim ocupando o primeiro lugar; a Universidade Federal de Alagoas (UFAL), com 11 %, que ocupa o segundo lugar; e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com 9% trabalhos, em terceiro, e, respectivamente, quarto e quinto, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com 7%, e a Universidade de São Paulo (USP), com 6%.

E, com 4% da produção para cada instituição, inclui Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP), Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Nova de Lisboa (Nova), Ministério da Educação (MEC/CAPES), Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade Católica de Brasília (UCB), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Fiocruz, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Cariri (UFCA), Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Centro Universitário Vila Velha (UVV/ES). E os trabalhos ‘Sem identificação’ corresponderam a 7% da produção.

Gráfico 3 – Autores e autoras



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Outro destaque importante é a comunicação de Eliany Alvarenga de Araújo, docente da UFG, como o trabalho intitulado ‘Por uma ciência formativa e indiciária: proposta epistemológica para a Ciência da Informação’, apresentada em 2005. Nesse texto, a autora propõe o conceito de ciência formativa fundamentado na Psicanálise de Bachelard (1996) como base teórica e metodológica para uma epistemologia da Ciência da Informação.

Destaca-se também o trabalho de Raimunda Fernanda Santos, docente do Departamento de Ciência da Informação da UFRN, em colaboração com o psicólogo Sérgio Rodrigues de Santana, Maytê Luanna Dias de Melo e Carla Daniella Teixeira Girard, bibliotecária da UFRA, no artigo ‘Folksonomia no contexto LGBTQIA+: descortinando o preconceito e a discriminação da informação sobre gênero e sexualidade nos ambientes digitais’, publicado em 2022. Nesse estudo, os autores discutem a interseção entre *folksonomia*, contexto LGBT-

QIA+, preconceito e a informação gênero-sexualidade, abordando essas questões à luz da Psicanálise.

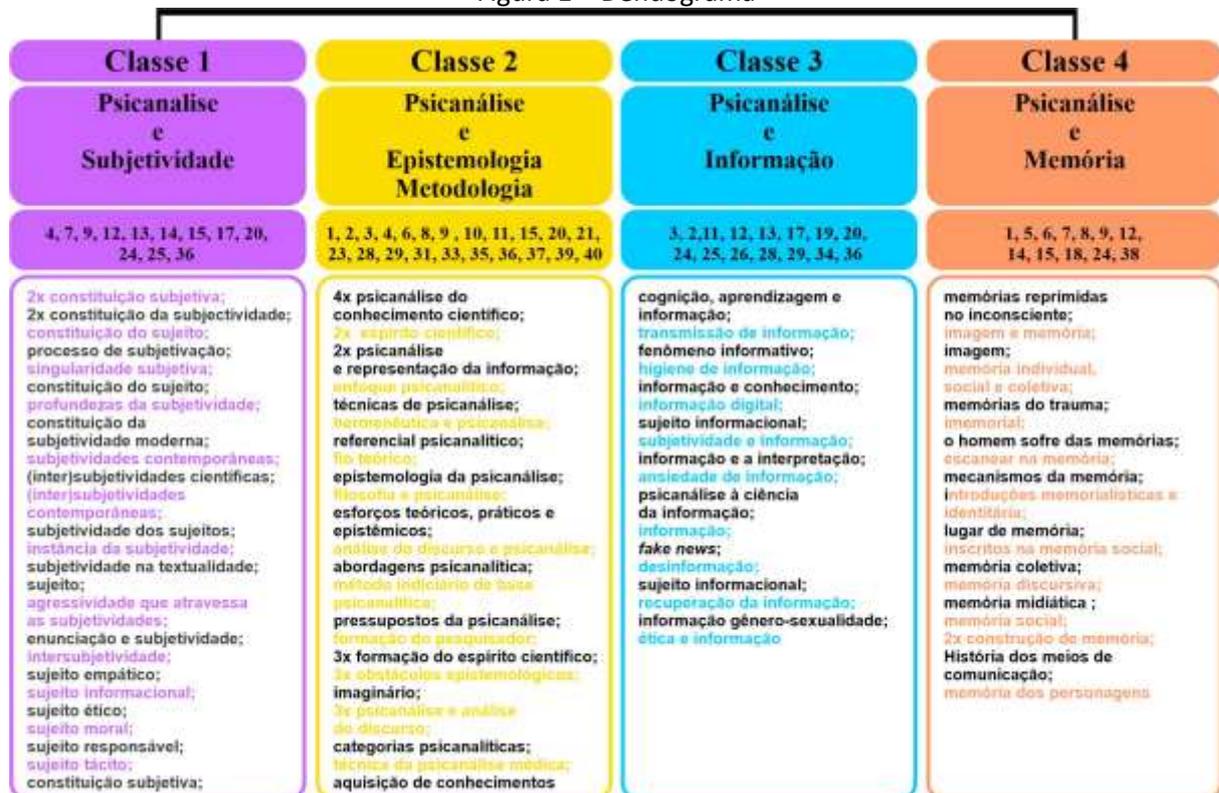
Outro texto importante é da autoria de Cláudio Paixão Anastácio de Paula, psicólogo e docente do Departamento de Teoria e Gestão da Informação (DTGI) da Escola de Ciência da Informação da UFMG, e Eliane Pawlowski de Oliveira Araújo. A comunicação intitulada de ‘Gestão do conhecimento na iniciação científica: pedagogia da autonomia, imaginação criadora e formação do espírito científico’, publicado em 2019, propõe a adição da perspectiva da imaginação criadora à noção clássica bachelardiana de formação do espírito científico, apontando para o resgate da importância dos elementos psicológicos na Ciência da Informação.

Destaca-se também Henriette Ferreira Gomes, docente titular do Instituto de Ciência da Informação (ICI) e do PPGCI/ UFBA, com o texto ‘Ética e informação na construção do conhecimento: a perspectiva bachelardiana dos obstáculos epistemológicos na formação do espírito científico’ de 2011. O trabalho aborda as relações entre ética, informação e os obstáculos epistemológicos na construção do conhecimento, destacando seu impacto na formação do pesquisador em Ciência da Informação.

Na perspectiva qualitativa, o *corpus* foi examinado de maneira mais profunda, identificando ‘unidades de significados’ que compõem as ‘classes’ e as relações entre as ‘unidades de significados’ e as ‘classes’.

Deste modo, a análise dos dados brutos dos textos e de seus respectivos significados foi realizada por meio da compreensão e da interpretação, que neste trabalho se basearam nos radicais que compõem as ‘classes’, que nesta pesquisa emergiram quatro: Classe 1 - Psicanálise e Subjetividade; Classe 2 - Psicanálise e Epistemologia e metodologia; Classe 3 - Psicanálise e Informação; Classe 4 - Psicanálise e memória, como evidencia a Figura 1.

Figura 1 – Dendograma



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Conforme a Figura 1, a 'Classe 1' (Figura 1, coluna roxa) trata da subjetividade no campo de Ciência da Informação. Esse construto está ligado ao acesso e uso do binômio 'informação e TIC', em que o empoderamento e o protagonismo, que são mudanças e relocação dos corpos e das mentes através das TIC e da informação, e como esses processos refletem e redimensionam a subjetividade. Por isso aparecem as unidades de significados 'constituição subjetiva', 'processo de subjetivação', 'singularidade subjetiva', 'profundezas da subjetividade', 'constituição da subjetividade moderna', 'subjetividades contemporâneas', 'subjetividade dos sujeitos' e 'instância da subjetividade'.

A Psicanálise, nesse processo de construção de subjetiva, busca ancorar a 'subjetividade' em termos de fragmentos e espectros, pois nesses contextos a abordagem cognitiva⁴, dentro da tradição epistemológica dos paradigmas da Ciência da Informação (Capurro, 2003), não consegue abarcar essas questões.

Assim, quando surgem as 'unidades de significados' 'sujeito empático'; 'sujeito informacional', 'sujeito ético', 'sujeito moral', 'sujeito responsável', 'sujeito tácito', em relação ao empoderamento e protagonismo promovidos pelo acesso e uso do binômio 'informação e TIC', as relações teóricas psicanalíticas entre o ego ideal, o ego e o superego que ancoram as discussões dessas subjetividades em fragmentos ou em espectros.

Em relação à Classe 2 (Figura 1, coluna amarela), campo epistemológico e metodológico da Ciência da Informação, a Psicanálise se distancia da perspectiva freudiana do encontro a dois no divã, da investigação para além das neuroses, perversões e psicoses ou explorando das condições como possibilidades de constituição do sujeito. Ocorre que, na dimensão epistemológica, a Psicanálise faz referência ao retorno do pesquisador à autocrítica sobre sua própria *psique* e ao encontro com si mesmo, por isso aparecem as unidades de significados como 'psicanálise do conhecimento científico', 'espírito científico', 'epistemologia da psicanálise', 'filosofia e psicanálise', 'formação do espírito científico' e 'obstáculos epistemológicos', que refletem esse processo.

Deste modo, esse retorno trata da distinção entre abstrações nebulosas, simbólicas e estéticas, na construção do conhecimento científico, visando à formação do cientista da informação e à promoção de uma ciência que minimiza a centralidade do eu, tornando-a menos subjetiva e mais objetiva. Nesse contexto, o novo espírito científico de Gaston Bachelard se configura como uma noção central de sua abordagem, especialmente, desenvolvida em obras como 'A Filosofia do Não', 'A Psicanálise do Fogo' e 'A Formação do Espírito Científico'.

O conceito de 'espírito científico' não se limita à aplicação de técnicas ou à acumulação de conhecimentos, mas representa uma atitude mental profundamente distinta da visão cotidiana. A ciência não deve se apoiar em crenças, intuições ou pressupostos do senso comum. O espírito científico exige uma ruptura com essas formas de pensamento, desafiando noções preconcebidas e mantendo uma distância crítica das certezas estabelecidas. Para Bachelard, o espírito científico é marcado pela dúvida constante e pela crítica, sendo o conhecimento científico, muitas vezes, um processo de 'desconstrução' das ideias anteriores. Ele também é uma 'mentalidade nova', que não aceita nem se contenta com o mundo tal como é dado, mas que o questiona e o transforma (Bachelard, 1996).

Na dimensão metodológica na Ciência da Informação, a Psicanálise emerge especialmente por meio de unidades de significados como 'técnicas de psicanálise', 'técnica da psicanálise médica', 'hermenêutica e psicanálise', 'método indiciário de base psicanalítica' e, sobretudo, 'análise do discurso'. Esses métodos exigem a identificação das manifestações inconscientes presentes em falas, escritos, comunicações e outras formas de expressão.

⁴ Paradigma social e o Paradigma físico (Capurro, 2003).

Ambos os campos partem da ideia de que o discurso não é apenas um reflexo de uma intenção consciente ou racional, mas pode conter significados mais profundos, vinculados ao inconsciente.

Embora a Psicanálise e os métodos citados tenham focos distintos, aquela é voltada para o inconsciente individual e estes são voltados para a estrutura social do discurso; assim, ambos reconhecem que a linguagem e o discurso são mais complexos do que uma simples troca de caracteres e de informações, há as intenções consciente e inconsciente. Eles atuam como formas de revelar o que está oculto, seja no inconsciente, nas relações de poder ou nas construções sociais que moldam o sujeito. O cruzamento entre a Psicanálise e esses métodos oferece, então, uma perspectiva fecunda para a compreensão da linguagem, do sujeito e dos processos psíquicos e sociais que influenciam a linguagem e a comunicação humana.

A relação entre ‘Psicanálise e Informação’, que se refere à Classe 3 (Figura 1, coluna azul), é um campo de estudo ainda pouco explorado, especialmente, quando comparado à tradição cognitiva predominante na área da Ciência da Informação. No entanto, nos últimos anos esse tema tem recebido crescente atenção na ampliação da compreensão dos processos informacionais a partir de uma perspectiva psicanalítica. O fato é que a informação sempre foi um objeto de desejo, mas na plataformização pode ser um gatilho⁵, pois é [...] algo que dá uma certa forma à matéria ou à mente, uma força que modela o comportamento [...]’⁶ (Campbell, 1989, p. 13), e esse fenômeno entre uma das duas facetas pode variar no nível e na percepção do sujeito.

No primeiro caso, como objeto de desejo, é incontestável na história da civilização, com, por exemplo, no Egito, todos os viajantes que passava pela região, ou todo navio que atracasse em Alexandria só poderia embarcar quando todos os copistas faziam cópias dos itens informacionais trazidos (Rosa, 2021). Neste caso, o que constitui a força motriz desse desejo pode ser entendido como uma força intrínseca e motivadora que impulsiona o ser humano de maneira contínua, variando conforme suas necessidades e aspirações. No segundo caso, a informação pode atuar como um gatilho para processos emocionais profundos, desencadeando *insights* e permitindo o processamento de conteúdos inconscientes. Esse processo pode resultar em alívio momentâneo ou em uma reflexão intensa sobre o próprio eu, bem como sobre questões sociais, políticas ou existenciais, incluindo dores e angústias.

Quando o contato com certos tipos de informação ocorre de forma consciente, como notícias de grandes eventos, descobertas pessoais ou mudanças paradigmáticas, ele pode gerar uma reação emocional intensa, especialmente, quando há confusão entre informações verdadeiras e *fake news* frente às subjetividades neuróticas, pois, para Albuquerque (2021), é provável que a mentira esteja tão bem disfarçada que o neurótico não perceberá.

A análise dupla da informação como objeto de desejo e de gatilho não de forma maniqueísta, mas através de um problema de dois corpos da física sob a ótica psicanalítica no campo da Ciência da Informação, suspende a informação como elemento romântico, mas não o desfigura como importante e como objeto de estudo da área. Assim, é um terreno fértil para a reflexão sobre suas dimensões que podem contribuir para o campo epistemoló-

⁵ É um acontecimento mental que pode promover um sentimento de emoção negativa, como medo, angústia, ansiedade ou raiva (Ximenes, 2021).

⁶ [...] algo que da cierta forma o carácter a la materia o a la mente, una fuerza que modela la conducta, que capacita, instruye, inspira o guía [...].(Campbell, 1989, p.13).

gico sobre os aspectos mais subjetivos e emocionais, indo além da simples busca por dados ou fatos.

Esta abordagem convida a considerar os impulsos e as motivações que orientam os processos de busca e de consumo de informação, bem como os efeitos que esses processos podem gerar, inclusive contraproducentes. A Psicanálise na Ciência da informação, envolvendo seu objeto de estudo, e como teoria e prática psíquica, a oferece uma perspectiva única acerca da informação na conexão entre a subjetividade, a linguagem e os processos inconscientes, elementos que podem ser profundamente relevantes na forma como se busca, acessa, apropria-se e interpreta a informação.

Em relação a Classe 4 (Figura 1, coluna laranja), a memória no campo da Ciência da Informação é tradicionalmente abordada a partir do paradigma cognitivo, logo há ênfase na abordagem cognitiva. No entanto, essa perspectiva se mostra insuficiente, quando se trata da relação entre memória e trauma, e vice-versa. Nesse contexto, na Psicanálise, a memória é vista como um construto que oferece uma compreensão diferente, a memória de eventos dolorosos vividos e que se tornam perturbadores para a vida mental do sujeito, influenciando seu comportamento ao longo da vida.

Na Ciência da Informação, além de discutir a memória como um fenômeno ligado ao trauma, há uma ampliação do debate para os reflexos da memória individual traumática, abrangendo tanto a memória social traumática quanto a coletiva traumática, por isso emergem as unidades de significados como 'memória individual', 'social e coletiva'; 'inscritos na memória social', 'memória coletiva; 'memória social', 'memórias reprimidas no inconsciente'; 'lugar de memória' e 'introduções memorialísticas e identitárias'.

Assim, as experiências traumáticas como memórias são analisadas na Ciência da Informação por meio da Psicanálise, em que as discussões incorporam conceitos como a revogação da memória, além dos processos de esquecimento, silenciamento e apagamento, por isso emergem as unidades de significados 'memórias reprimidas no inconsciente'; 'imagem e memória', 'imagem', 'memórias do trauma', 'imemorial', 'o homem sofre das memórias', 'escanear na memória' e 'mecanismos da memória'.

6 CONSIDERAÇÕES

O lugar epistêmico da Psicanálise na Ciência da Informação ocorre por meio de quatro relações, as discussões sobre a subjetividade, a epistemologia/metodologia, a informação e a memória. Neste sentido, a Psicanálise oferece uma base teórica e metodológica que vai além dos limites da abordagem cognitiva, muito importante, mas que não consegue abranger determinados fenômenos. Isso se deve ao fato de a abordagem cognitiva não alcançar os efeitos das camadas mais profundas das novas formas de conhecimentos, de comportamentos e de psicopatologias geradas por acesso e uso equivocados da informação e das TIC, especialmente, no cenário da plataformação.

A plataformação é uma extensão mental porque versa sobre a participação voluntária e ativa, que se refere aos desejos do sujeito de estar conectado, e também a participação compulsória e cativa, que, por sua vez, impõe-se ao sujeito, pois muitas atividades são resolvidas de forma *online*. Assim, há excedentes em termos de subjetivação gerados a partir destes dois fenômenos que impactam a vida mental dos sujeitos frente aos fluxos de dados e de metadados que ganharam destaque, assim, superando o valor da informação e do conhecimento.

Demarcar o papel da Psicanálise em relação à abordagem cognitiva da Ciência da Informação não implica descartá-la ou desvalorizá-la, uma vez que esta última continua sendo fundamental para a área. No entanto, significa adotar uma suspensão crítica para que a Ciência da Informação amplie seus quadros teóricos, permitindo uma compreensão mais abrangente das forças, das propriedades e dos comportamentos da informação até então não aplicadas na dimensão mental dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, C. X. Fake News - um olhar psicanalítico. *In: SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA*, 73., 2021. **Anais [...]**: SBPC/ YouTube, 2021. Disponível em: https://reunioes.sbpcnet.org.br/73RA/PDFs/arq_7750_157.pdf. Acesso em: 21 jul. 2024.

ARAUJO, W. F. Educando para os algoritmos: lógicas da subjetivação a partir da plataformização da vida. *In: BRITES, L.S.; DIAS, K. S.; DARSIE, C., MUTZ, A. S. C; ROCHA, C. M. F. (org.). Estratégias biopolíticas do hoje e a produção de sujeitos: interfaces entre tecnologias na educação e na saúde*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. Cap. 23, p. 482-502. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/04/eBook_estrategias-biopoliticas.pdf. Acesso em: 18 ago. 2024.

ATKINSON, L. R. *et al. Introdução à psicologia de Hilgard*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERELSON, B. **Content analysis in communication research**. New York: Hafner; 1984

BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p.3-5, jan. 1968. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2532327/mod_resource/content/1/Oque%C3%A9CI.pdf. Acesso em: 14 jun. 2023.

CAMPBELL, J. El hombre gramatical. **Fondo de Cultura Económica**, México, 1989. Disponível em: https://www.academia.edu/42833052/EL_HOMBRE_GRAMATICAL. Acesso em: 21 jul. 2024.

CAMPOS, C. J.G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 5, n. 57, set./out. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/wBbjs9fZBDrM3c3x4bDd3rc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2024.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: AN-

CIB/UFMG, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em 15 mar. 2022.

CARDOSO, M. R. G.; OLIVEIRA, G. S.; GHELLI, K.G. M. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, v. 20, n. 43, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347>. Acesso em: 18 ago. 2024.

CASTELLS, M. **A Era da Informação**: economia, sociedade e cultura, vol. 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CHAUÍ, M. S. Dando a Real com Leandro Demori recebe a filósofa Marilena Chaui. [Entrevista cedida a] Demori, L. **TV Brasil**, São Paulo, nov. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZGwKZtt5xBQ>. Acesso em: 18 nov. 2024.

COIMBRA, C. M. B. **Guardiões da ordem**: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “Mili-gre”. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1995.

FÉLIX, E. C.; MORAES, M.G.A EPISTEMOLOGIA DA PSICANÁLISE E OS DESCRITORES EM CIÊNCIAS DA SAÚDE. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: PGCIN/UFSC, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/123455>. Acesso em: 11 nov. 2024.

FRAINER, J. **Metodologia científica**. Indaial: Uniasselvi, 2020.

FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. *In*: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976b. v. 22, p. 15-220.

FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego. *In*: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976a. v. 18, p. 89-179.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LE COADIC, Y. F. **A Ciência da Informação**. Brasília: Brique de Lemos, 1996.

LEITÃO, C. F.; NICOLACI-DA-COSTA, A. M. A Psicologia no novo contexto mundial. **Estudos de Psicologia**, v. 8, n. 3, p. 421-430, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n3/19964.pdf>. Acesso em: 05 maio 2022.

MENDES, R. M.; MISKULIN, R. G. S.A Análise de conteúdo como uma metodologia. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47 n. 165, p.1044-1066 jul./set. 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cp/a/ttbmyGkhjNF3Rn8XNQ5X3mC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 out. 2024.

NIEBORG, D. B.; POELL, T. The platformization of cultural production: Theorizing the contingent cultural commodity. **New Media & Society**, v. 20, n. 11, 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1461444818769694>. Acesso em: 13 jan. 2024.

NIEBORG, D.; POELL, T. Platformization. **Revista Fronteiras - estudos midiáticos**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.0>. Acesso em: 13 jan. 2024.

PALETTA, F. C.; LAGO, J.J.C. Plataformização e o uso da informação para a criação de estímulos de consumo. **e-Ciencias de la Información**, San José, v.12, n. 1, jun. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.sa.cr/pdf/eci/v12n1/1659-4142-eci-12-01-114.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2024.

RAYWARD, W. B. The origins of Information Science and the work of the International Institute of Bibliography/International Federation for documentation and Information (FID). **Journal of the American Society for Information Science**, Maryland, n. 48, p. 289-300, abr. 1997. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EdbertoFerna/MRI%2001%20-%20Rayward,%20WB%20-%201997.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2024.

ROSA, A. S. **História dos museus e das coleções**. Indaial: Uniasselvi, 2021.

ROSAS, P. S. O dilema da psicologia contemporânea. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, n. 30, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/GzKYy4r5y5trmNHNxN6FfPm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 2024.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTANA, S. R.; MARTINS, E. E.; SILVA, L. F. Mediação social e cultura da informação: acesso e uso das TIC e da informação nos processos de fragmentação da subjetividade. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA IBERO-AMÉRICA E CARIBE, 9, 2016, Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte; UFMG, 2016. Disponível em: <http://edicic2016.eci.ufmg.br/anais/#modal>. Acesso em: 13 jan. 2024.

SANTANA, S. R.; SANTOS, R. F.; MELO, M. L. D.; GIRARD, C. D. T. *Folksonomia* no contexto LGBTQIA+: descortinando o preconceito e a discriminação da informação gênero-sexualidade nos ambientes digitais. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 151–173, 2022. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/5816>. Acesso em: 8 abr. 2024.

SANTANA, S.R. **História do curso de graduação em Psicologia da UFPB**, 2012. Monografia (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciência Humanas, João Pessoa, 2019.

SANTOS, L. A psicanálise no mundo contemporâneo. **Reverso**, Belo Horizonte, n. 77. jun. 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952019000100008. Acesso em: 8 abr. 2024.

SCHULTZ, D. **História da psicologia moderna**. São Paulo: Cengage Learning, 2009. 490p.

SEIXAS, A. A.; MOTA, A.; ZILBREMANN, M. L. A origem da liga brasileira de higiene mental e seu contexto histórico. Revista Psiquiatria, **Porto Alegre**, v. 1, n. 31, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v31n1/v31n1a15.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2024.

SISSON, N.; WINOGRAD, M. Bachelard e Freud: fenomenotécnica e psicanálise. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 3, dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-5267201200030001. Acesso em: 21 jul. 2024.

VIEIRA FILHO, M. J. Plataformização da pornografia: considerações sobre estruturas e regimes de circulação de conteúdos audiovisuais na xvideos. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, Aracaju, v. 24, n. 3, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/epic/article/view/17829>. Acesso em: 21 jul. 2024.

WILLIAM, E. G.; MARILYN, H. **Psicologia: abordagens atuais**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

XIMENES, S. M. B. S. *et al.* A psicanálise na desconstrução dos gatilhos para o transtorno de pânico. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 10, n. 3. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/13265/12020/175312>. . Acesso em: 21 jul. 2024.